

O MAR COMO SIGNO DO JULGAMENTO EM *SENHORA DOS AFOGADOS*

EDUARDO GOULART REYES BARBOSA¹; LUIZA SILVA LOPES²; LUIZ DE AGUIAR VAZ³; MARINA DE OLIVEIRA⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – eduardogrb37@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – luizalopes3332@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – luiz.avaz@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – marinadolufpel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo analisa a peça teatral *Senhora dos afogados*, de Nelson Rodrigues e, mais especificamente, a representação do mar enquanto signo no texto. O estudo foi realizado no âmbito do projeto de pesquisa “E-Drama, estudos de dramaturgia: aspectos sociológicos e mitológicos”, coordenado pela professora Marina de Oliveira.

O mito tem muitas definições e abarca diversas histórias, transmitidas de geração à geração. Na Grécia Antiga, uma destas narrativas que se destaca é a de Electra, uma mulher que ansiando vingar a morte do pai, leva o seu irmão a matar a própria mãe e seu amante, os culpados. Uma representação deste mito, escrita por Eurípedes, *Electra* (410 a. C.), originou uma releitura por parte de Eugene O’Neil, *Mourning becomes Electra* (1931), que por sua vez inspirou Nelson Rodrigues a escrever *Senhora dos afogados* (1947).

A peça do dramaturgo carioca apresenta a trágica história da família Drummond, marcada por desejo, repressão e segredos. Misael, o patriarca, é acusado de ter assassinado uma prostituta no dia de seu casamento com Dona Eduarda, e o crime, revelado como verdadeiro, assombra a todos. Duas filhas do casal morrem afogadas, e Moema, a filha sobrevivente, confessa ter causado as mortes e demonstra uma relação obsessiva com o pai, incitando-o a matar a mãe. Dona Eduarda envolve-se com o noivo de Moema, que busca vingança por ser filho da prostituta assassinada, mas é humilhada e morta. Os conflitos resultam na destruição da família, restando viva apenas Moema, cercada pela morte e pelo peso de seus crimes.

A reflexão analisa a construção do signo do mar, a partir do seu significado e seus significantes presentes na peça, tendo como referencial teórico as ideias de SAUSSURE (2008), CHEVALIER, GHEERBRANT (2001) e DEMARCY (1988).

2. METODOLOGIA

O estudo da obra se deu por uma leitura dramática da peça em uma reunião do projeto de pesquisa, onde cada membro do grupo ficou responsável pelas falas de um ou mais personagens. Após debate e leituras auxiliares - como a inspiração para o texto de Rodrigues, *Mourning becomes Electra* (O’NEILL, 1970), houve discussão sobre qual tema seria abordado. Decidiu-se por uma busca dos significados simbólicos (SAUSSURE, 2008) do mar, elemento central da obra. O texto foi re-lido, numa leitura transversal (DEMARCY, 1988), com esse novo enfoque em que utilizamos ferramentas digitais para fazer uma varredura por palavras chave a partir de uma análise quantitativa e, posteriormente, qualitativa: foram abordadas todas as variações de *água*, *mar*, *afogar*, *afogado* e *ilha*. Os

termos foram revisados em seu contexto dramático, e comparados à totalidade do texto além de alguns significados propostos por Chevalier e Gheerbrant em seu dicionário.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da busca por palavras-chave, os resultados levantados foram os seguintes: as expressões “Mar” ou “mares” são citadas 29 vezes; “Água” ou “águas”, 6 vezes (sendo 3 em referência à água potável, que não se encaixa na análise); “Rio”, 3 vezes; “Afogar”, “afogado/a”, 10 vezes; “Praia”, 11 vezes, “Cais”, 17 vezes; e “Ilha”, 31 vezes. Foi percebido que o reflexo, nas águas ou no espelho, é um motivo recorrente e, portanto, foi também averiguado quantitativamente: a expressão “reflexo” ocorre apenas uma vez, mas “espelho”, 19 vezes. Após identificar o número de vezes em que essas palavras aparecem na peça, estabelecemos as seguintes categorias de significantes do mar.

Das falas sobre o mar

Rodrigues fez do mar em sua dramaturgia um signo do julgamento, uma entidade que dispõe de intenção e atrai os personagens, principalmente Moema, para que confrontem a moralidade de seus próprios atos. Não por acaso, a rubrica inicial aponta: “Há também um personagem invisível: o mar próximo e profético, que parece estar sempre chamando os Drummond, sobretudo as suas mulheres” (RODRIGUES, p. 259).

Essa impressão do mar enquanto personagem é demonstrada também pela recorrência de comentários feitos por Moema: “Você não achou o corpo... O mar guardou Clarinha para si... Eu sabia... Tinha certeza” (RODRIGUES, 2002, p. 308) e pela avó, um arquétipo da “Idosa Sábia”, apesar da insanidade aparente, que atribuem a ele verbos e adjetivações que sugerem intencionalidade:

AVÓ — Minha neta Clarinha não se matou... Foi o mar... Aquele ali... [...] Sempre ele... [...] *Não gosta* de nós. Quer *levar* toda a família, principalmente as mulheres. [...] Basta ser uma Drummond, que *ele quer logo afogar*. [...] Um mar que *não devolve os corpos* e onde os mortos não boiam! [...] Foi o mar que *chamou* Clarinha, [...] *chamou, chamou...* [...] Tirem esse mar daí, depressa! [...] Tirem, antes que seja tarde! Antes que ele *acabe* com todas as mulheres da família! (RODRIGUES, 2002, p. 261-262)

Os comentários da anciã por si só trazem à interpretação a possibilidade de perceber o mar como entidade dotada de propósito ou, pelo menos, vontade - onde uma leitura possível seria associá-lo à figura mitológica do psicopompo, o *guia das almas*, papel assumido por Hermes ou Caronte na religiosidade grega, Anúbis na egípcia ou as valquírias na nórdica - entidade essa que, de costume, é responsável por encaminhar os mortos para o seu julgamento. Supunha-se então que, para valer a associação mar-psicopompo na peça, seria necessário que os personagens estivessem todos mortos para encontrá-lo? Não necessariamente: no *Dicionário de símbolos* há diversos significados para o mar e suas águas. Destacamos:

Mergulhar nas águas, para delas sair sem se dissolver totalmente, salvo por uma morte simbólica, é retornar às origens, carregar-se, de novo, num imenso reservatório de energia e nele beber uma força nova... [...] A água pode destruir e engolir, as borrascas destroem as vinhas em flor. Assim, a água também comporta um poder maléfico. Nesse caso, ela

pune os pecadores, mas não atinge os justos: estes nada têm a temer das grandes águas. Às águas da morte concernem apenas os pecadores e se transformam em águas da vida para os justos. Como o fogo, a água pode servir de ordálio (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001, p. 18).

Levando-se em conta essa interpretação, deduzimos que o confronto consigo mesmo na água (ato de refletir, o *juízo*) pode ser visto como uma morte simbólica que traz a ressurreição dos que emergem.

Dos afogados

Há no texto pessoas que foram literalmente afogadas por Moema: suas duas irmãs, Dora e Clarinha. Porém, em três trechos específicos a figura do afogado é conjurada por Moema, que a evoca como se tivesse intenção e vida. “É preciso não atrair o *ódio* dos afogados!” (RODRIGUES, 2002, p. 269) “Deixa em sossego os afogados...” (RODRIGUES, 2002, p. 278) “Os afogados têm os olhos brancos e a boca obscena!... [baixo, num esgar de choro] *Não se pode amar um afogado...*” (RODRIGUES, 2002, p. 278). A humanização da figura dos afogados confere a eles dois estados: afogados enquanto pessoas mortas no mar, como Dora e Clarinha, e enquanto aqueles que se sentem culpados após a autorreflexão imposta pelo mar, como Paulo. A presença dos afogados no texto é um mau-agouro para os personagens que temem o juízo. Paulo, por exemplo, culpado por matar o amante da mãe, pede que Moema o sentencie ao mar para que seja julgado.

Dos ambientes: a luz do farol que vigia sobre o cais e a praia

Nos três atos da dramaturgia, através das rubricas, se faz presente a figura do farol. Em seus giros, “cria, na família, a obsessão da sombra e da luz” (RODRIGUES, 2002, p. 259). O farol é um significante da presença próxima do mar, e o contraste de sua iluminação mergulha as personagens em faces, ora iluminadas, ora escurecidas, evidenciando segredos.

No terceiro ato da peça as personagens se encontram no café do cais, descrito como “deficitário”. É por si um antro de boemia com seu coro regado a cerveja. Sua proximidade do mar faz dele uma ante-sala do juízo, onde as mentiras e manipulações que se construíram ao longo da trama se tornam evidentes, pois é lá que o noivo é assassinado.

A praia é um espaço limiar entre a terra e a água onde se dá esse contato. É na praia que os assassinatos de Moema e Misael se dão, as areias agindo como seu altar de sacrifício.

Da ilha das prostitutas mortas

Dos significantes do mar que foram escrutinados do texto, a ilha é o que mais se repete. Na mitologia do texto, a *ilha* é um local de pós-vida das prostitutas. Por essa razão, D. Eduarda pede ao noivo da filha, seu amante, que a ensine o caminho - pois é para lá que a mãe dele supostamente foi após ser assassinada por Misael. O noivo, porém, diz que para lá só vão às meretrizes e D. Eduarda não seria aceita. Existem, então, dois destinos aos que passam pelo juízo do mar: os que são afogados e permanecem no mar e as prostitutas, que vão para sua ilha.

Do espelho

No *Dicionário de símbolos*: “O espelho, do mesmo modo que a superfície da água, é utilizado para a adivinhação, para interrogar os espíritos. Sua resposta

às questões colocadas se inscreve por reflexo” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2001, p. 395). O julgamento imposto pelo mar se dá quando o indivíduo é forçado a encarar as próprias ações, como se encarasse um espelho. Moema, após arquitetar a morte da própria mãe, cujas mãos eram idênticas às suas, a enxerga quando se põe em frente ao espelho: “Agora estás em todos os espelhos... E na água do rio e nas poças de água...” (RODRIGUES, 2002, p. 329). Quando renega o reflexo da mãe, este desaparece, o que evidencia a negação da autorreflexão. “Perdeste a tua imagem... mas ficaste com as tuas mãos” (RODRIGUES, 2002, p. 331), diz o Vendedor de pentes. Moema termina a história olhando com repugnância para as próprias mãos, que trazem a figura da mãe assassinada como uma maldição, mostrando a inevitabilidade do julgamento.

4. CONCLUSÕES

A partir do exposto, compreende-se que o significado (conceito) do mar enquanto um juíz se materializa na dramaturgia de Rodrigues com diferentes significantes: as falas sobre o mar, os afogados, o farol, o cais, a praia, a ilha e o reflexo. A própria evocação do mar como entidade nas falas das personagens, a quem são atribuídos verbos e adjetivos; os afogados, como pessoas que foram condenadas pelo mar; a luz do farol, expressado em rubricas como conjurando luzes e sombras de alto contraste, supondo a presença próxima do mar e um lado oculto das personagens; o cais como caminho para o mar e ante-sala do julgamento; a praia como limiar entre vida e morte, local de sacrifícios; a ilha, como um pós-morte destinado apenas às prostitutas; os reflexos das águas, do espelho e das mãos, como o momento de confrontação consigo mesmo.

Os apontamentos levam a dedução de que o mar é representado como um signo do julgamento moral, evocando a inevitabilidade das consequências dos atos dos personagens, que cedo ou tarde, hão de ser confrontados, sem possibilidade de fuga.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RODRIGUES, N. **Teatro completo de Nelson Rodrigues**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

SAUSSURE, F. D. **Natureza do signo linguístico**. São Paulo: Cultrix, 2008.

DEMARCY, R. A leitura transversal. In: GUINSBURG, J.; NETTO, J.; CARDOSO, R. **Semiologia do teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1988. Cap.2, p.23-38.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.